

MURALISMO COM PIGMENTOS NATURAIS: RELATO DE EXPERIÊNCIA ¹

Jeferson Vidal Cajui ²

Matheus de Souza Dutra de Freitas ³

Bruno Matos Vieira ⁴

RESUMO

O presente artigo resulta de uma pesquisa desenvolvida a partir da oficina intitulada “Muralismo com pigmentos naturais”, realizada em 10 de junho de 2025, durante a Semana Rural, evento de extensão da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, em conjunto com o subgrupo PIBID Belas Artes. A proposta teve como objetivo explorar alternativas menos agressivas ao meio ambiente e ao corpo humano, contrapondo-se às tintas sintéticas, por meio da produção e uso de pigmentos naturais associados à técnica de pintura mural. O percurso metodológico adotado baseou-se na experimentação prática com a elaboração das tintas, na observação direta, registro das etapas e análise dos trabalhos produzidos pelos participantes. O referencial teórico integrou as experiências acadêmicas no curso de Licenciatura em Belas Artes e a habilidade EF15AR04 da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), voltada à experimentação artística e sustentabilidade, bem como a Lei nº 9.795/1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental. Os resultados evidenciam que a utilização de materiais naturais na pintura mural promove um processo educativo capaz de articular práticas artísticas e conscientização ambiental, despertando o interesse dos participantes pelo tema e ampliando o debate sobre a importância de alternativas ecológicas na arte, com potencial de impacto positivo para a formação cidadã e para a construção de um futuro mais sustentável.

Palavras-chave: Arte, Educação Ambiental, Pigmentos Naturais, Muralismo, Sustentabilidade.

INTRODUÇÃO

A busca por práticas artísticas que dialoguem com a sustentabilidade e com o uso consciente dos recursos naturais tem se intensificado nas últimas décadas, acompanhando as discussões globais sobre a preservação ambiental e os impactos da ação humana no planeta. No campo das artes visuais, esse movimento tem estimulado experiências que resgatam técnicas tradicionais e materiais menos agressivos ao meio ambiente. Nesse contexto, insere-

¹ Este trabalho é fruto de pesquisa financiada pelo Programa de Iniciação à Docência (PIBID) do Edital CAPES 10/2024 com bolsa para coordenação, supervisão e vinte e quatro licenciandos;

² Graduando do Curso de Licenciatura em Belas Artes da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro- UFRRJ, cajuioficial@gmail.com;

³ Graduando do Curso de Licenciatura em Belas Artes da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro- UFRRJ, mtheus@ufrj.br;

⁴ Doutor em Ciências, IBqM/UFRJ, Professor do DTPE/IE/UFRJ e coordenador do PIBID Belas Artes da UFRRJ, bmatos@ufrj.br.





se a pesquisa desenvolvida a partir da oficina Muralismo com Pigmentos Naturais, realizada em 10 de junho de 2025, durante a Semana Rural da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, em conjunto com o subgrupo PIBID Belas Artes.

Durante a oficina, houve a contextualização histórica da prática de pintura mural, abordando, de maneira breve e introdutória, sua utilização e importância, tal como sua prática na atualidade. Em paralelo, foi discutida a utilização dos pigmentos naturais, sua conexão com os povos originários e a sua importância cultural e ambiental. Logo após a contextualização, partiu-se para a etapa de confecção das tintas, na qual, inicialmente, instruiu-se os participantes sobre como coletar os pigmentos, prepará-los e misturá-los. Por fim, ao término da etapa de confecção, partiu-se para a pintura do mural coletivo, no qual todos puderam se expressar artisticamente utilizando suas tintas produzidas.

Este artigo tem como objetivo investigar o potencial educativo e ambiental da pintura mural com pigmentos naturais, articulando práticas artísticas, saberes tradicionais e a Política Nacional de Educação Ambiental. A utilização de pigmentos naturais, buscando a mescla de duas técnicas tradicionais, vem da ideia de trabalhar elementos de expressão artística comumente utilizados por comunidades indígenas e reforçando a busca por um resgate dos saberes ancestrais construídos ao longo de milênios. No campo da educação, essa prática se norteia com base na lei 9.795/1999, que dispõe sobre a Educação Ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA) no Brasil, reforçando a técnica como uma metodologia de educação através da utilização de materiais alternativos na arte, indo de encontro com a habilidade EF15AR04 da BNCC. Nas seções seguintes, são apresentados os fundamentos teóricos, a metodologia e os resultados da experiência desenvolvida.

METODOLOGIA

A pesquisa possui uma abordagem qualitativa descritiva, baseada nos registros das etapas de preparação e execução da oficina Muralismo com Pigmentos Naturais, incluindo observações, anotações e comentários dos participantes, bem como a análise do mural coletivo produzido ao final da atividade. A interpretação desses dados foi baseada no referencial teórico de Paulo Freire, especialmente os princípios que definem o professor como pesquisador e defende o ensino como prática de liberdade, presentes em *Pedagogia da Autonomia*, em articulação com a Lei nº 9.795/1999. Além disso, a análise dialoga com a



habilidade EF15AR04 da BNCC, a qual propõe a experimentação artística como forma de reflexão. Assim como a interpretação da obra *Futuro Ancestral*, de Ailton Krenak, para reforçar o vínculo entre arte-educação e educação ambiental.

A oficina, realizada no dia 10 de junho de 2025, durante a Semana Rural na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, câmpus Seropédica, contou com doze participantes oficiais, além de visitantes que participaram eventualmente no decorrer do evento. No processo de pré-produção, foram selecionados materiais variados para a confecção das tintas, de diversos aspectos, com a finalidade de alcançar um maior número de cores. Utilizaram-se terra de diversas tonalidades, café (marrom), carvão (preto), gesso (branco), urucum (vermelho) e açafrão (amarelo), cada um dos elementos com suas especificidades e características, escolhidos para despertar diferentes experiências sensoriais em cada participante. Foram também realizadas experimentações com a finalidade de definir os melhores métodos de preparo, materiais e o comportamento das tintas no suporte.

Figura 1 – Diversidade de materiais



(Fonte: acervo pessoal dos autores, 2025.)

Buscando promover uma reflexão sobre a importância de práticas artísticas voltadas para a preservação ambiental, bem como o valor histórico da pintura mural, foi planejada uma contextualização teórica e histórica acerca do muralismo e dos pigmentos naturais, seguida de uma conversa com os participantes com o objetivo de promover a conscientização ambiental. A conversa com os participantes, assim como seus comentários acerca da oficina, foram anotados em um caderno de campo e serviram para orientar as reflexões sobre o processo, bem como fundamentar os resultados obtidos.



Figura 2 – Contextualização



(Fonte: acervo pessoal dos autores, 2025.)

Por fim, realizou-se a produção de um mural coletivo, em que os participantes puderam se expressar artisticamente, com o propósito de entender como interpretaram a experiência, e como colocariam em prática essas ideias. Usou-se uma placa de madeira previamente preparada, e cada participante foi desafiado a utilizar o pigmento que havia produzido.

REFERENCIAL TEÓRICO

As reflexões para essa pesquisa se norteiam através da lei 9.795/1999, ela estabelece que

Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. (Brasil, 1999)

Com isso a lei define a educação ambiental não apenas como um processo individual, mas também coletivo, sendo a mesma um componente que deve estar presente em todos os níveis da educação formal e não-formal. A mesma lei, em seu Art. 8º, Inciso II, também define que as atividades vinculadas à educação ambiental podem ser desenvolvidas por estudos, pesquisas e experimentações, reforçando a análise de Freire em que diz,





Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino**. Esses que-fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. (Freire, 1996, p. 14)

Em sua fala, Freire reforça o papel do professor como pesquisador, não apenas no campo da pesquisa puramente acadêmica, mas também na posição de aprender durante a prática do ensinar. Ele argumenta que ensinar não é apenas a transferência de conhecimento, mas sim a criação de possibilidades para a sua produção ou construção. A oficina, ao focar na elaboração das tintas e sua experimentação prática, reflete a visão de Freire (1996) de que o aprendizado é uma aventura criadora, onde os participantes são sujeitos da construção e reconstrução do próprio saber.

Além disso, para Freire (1996), o ato de ensinar envolve a compreensão de que a educação constitui uma forma de intervir e transformar o mundo, intervenção que, segundo ele,

além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos, implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só outra dessas coisas. Nem apenas reprodutora nem apenas desmascaradora da ideologia dominante. (Freire, 1996, p. 38)

Neste sentido, a oficina se posiciona como uma intervenção intencional que atua como crítica ao uso de materiais prejudiciais ao meio ambiente e ao corpo humano, assim como ao seu processo de produção. Posicionamento que se articula com a crítica de Krenak (2022) ao consumo de materiais não renováveis, segundo ele, a arquitetura moderna, representada pela sociedade atual, construiu a ideia de que existe a necessidade do consumo de materiais não renováveis e industrializados, o que contribui para um esgotamento dos recursos naturais e, consequentemente destruição/deformação do meio ambiente.

Krenak (2022) ainda critica o que ele chama de educação sanitária, em que desde a infância somos educados a ter nojo da terra, ou seja; “É a formação, ao longo de décadas, de uma mentalidade em que uma criança não deve mexer na terra para não sujar as mãos.” (Krenak, 2022, p. 55). Ele cita a contradição no fato dessas mesmas crianças muitas vezes viverem em contextos onde não possuem ao menos saneamento básico, critica o fato de nenhum educador questionar isso e conclui que essa lógica está diretamente ligada à forma consumista em que enxergamos o mundo e seus recursos naturais, e está “no cerne da crise ambiental” (Krenak, 2022, p. 55).





A habilidade EF15AR04, encontrada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), define:

Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais. (Brasil, 2017)

O que dialoga com a ideia deste trabalho, em que busca o uso sustentável de materiais não convencionais no ensino de Arte.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Educação Ambiental:

A Lei 9.795/1999 diz que a educação ambiental deve estar presente em todos os níveis do processo educativo, fazendo distinção entre educação formal e não-formal. Segundo a lei, a educação formal seria “a desenvolvida no âmbito dos currículos das instituições de ensino públicas e privadas” (Brasil, 1999) enquanto a não formal seriam “as ações e práticas educativas voltadas à sensibilização da coletividade sobre as questões ambientais e à sua organização e participação na defesa da qualidade do meio ambiente” (Brasil, 1999). Esta pesquisa, resultado de uma oficina, focou na análise da pintura mural com pigmentos naturais como metodologia de ensino não-formal, usando como parâmetro a distinção feita pela lei, mas não descartando a possibilidade de uso da mesma no ensino formal.

A ideia principal da oficina, foi trabalhar a conscientização dos participantes sobre a importância da conservação do meio ambiente, não apenas apresentando a eles uma alternativa às tintas industrializadas, mas também despertando a “capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão.” (Freire, 1996, p. 13), de modo que eles desenvolvessem um pensamento crítico em relação à forma como a sociedade atual trata o meio ambiente. Ou seja, fazer arte com materiais naturais para, como defende Freire (1996), transformar a curiosidade ingênua em curiosidade epistemológica.

A partir da coleta dos pigmentos e confecção da tinta, a oficina surge com potencial para desmontar o que Krenak (2022) chama de educação sanitária, onde desde criança somos incentivados a ter nojo da terra. Durante o processo de coleta dos materiais, a ideia foi que os participantes tivessem contato diretamente com os mesmos, os sentindo em sua totalidade, tanto seu cheiro, quanto cor e textura, contribuindo para a quebra deste paradigma da terra





como algo sujo, e reforçando o vínculo com a natureza. Ou seja, ao propor o contato direto com a terra, a oficina materializou a crítica a essa educação sanitária. O ato de tocar a terra, antes evitado, tornou-se gesto de reconciliação entre corpo e ambiente, um ato político e pedagógico.

A concretização desta ideia se evidenciou a partir do relato dos participantes ao final da oficina, onde em conversa com uma das participantes a mesma disse estar “animada para fazer em casa”, reforçando a internalização do aprendizado e o potencial multiplicador da oficina, uma vez que a participante projeta a prática para além do evento. O fim da oficina também mostrou os participantes engajados na discussão ambiental, com a maioria se posicionando contra a forma como a sociedade atual trata a natureza e seus recursos.

Saúde e meio ambiente:

Não é nenhuma novidade que as tintas sintéticas, usadas em larga escala, são prejudiciais, tanto para o meio ambiente quanto para o corpo humano. Segundo o *Guia Técnico Ambiental Tintas e Vernizes* (São Paulo, 2006, p. 45), durante o processo de produção dessas tintas são lançados compostos orgânicos voláteis (VOC) na atmosfera que afetam diretamente o ecossistema. Esses VOCs, quando liberados no meio ambiente, podem acabar comprometendo a terra e lençóis freáticos, bem como a atmosfera. No corpo humano, os efeitos acabam sendo mais perceptíveis, podendo ser percebidos a longo prazo ou por sintomas momentâneos, podendo ser exemplificado através do comentário de um dos participantes da oficina, que disse ter “dor de cabeça ao sentir o cheiro de tinta de parede”.

O uso dos pigmentos naturais vai no sentido oposto a essas problemáticas, pois não geram poluentes em seu processo de produção, podendo ser produzidos de maneira 100% natural evitando os males da industrialização e o uso de componentes tóxicos. Através da observação dos participantes ao longo de todo o processo da oficina, não foram constatados efeitos colaterais, como desconforto com o cheiro da tinta ou irritações de qualquer natureza, em contraposição às “tintas de parede” que causavam “dor de cabeça” à participante antes mencionada.

Uso consciente de recursos:

Outro ponto negativo das tintas industrializadas, é justamente o consumo desmedido dos recursos naturais, usando muitas vezes mais do que o necessário, retirando da natureza a matéria prima e a jogando de volta em forma de lixo. Também segundo o *Guia Técnico Ambiental Tintas e Vernizes* (São Paulo, 2006, p. 44), a água é o recurso natural mais



utilizado na indústria das tintas e “O uso descontrolado deste insumo pode levar à crescente degradação das reservas”. Este pensamento vem da mentalidade consumista da sociedade atual, onde o ser humano, segundo Krenak (2022), tende a enxergar o mundo como um almoxarifado.

O uso de tintas naturais, então, surge como uma alternativa mais benéfica comparada às demais, devido ao fato de sua produção artesanal evitar o consumo exagerado de recursos, onde você só coleta o necessário para o trabalho em questão, evitando desperdício. Durante a etapa de preparação para a oficina, notou-se, através da experimentação, que as tintas produzidas, em especial as feitas com terra, demandam pouco pigmento/água para uma área grande de pintura, o que validou a ideia do uso consciente dos recursos naturais.

O mural como produto de conscientização

Por fim, a oficina culminou na produção de um mural coletivo onde os participantes tiveram a liberdade para se expressar artisticamente. O uso da pintura mural como metodologia para educação ambiental se mostrou eficiente, não apenas pela conciliação com as tintas naturais, mas também pela sua natureza política e crítica. O muralismo mexicano, por exemplo, surge em um contexto de revolução do país e, segundo Ajzenberg (2024, p. 164), “Os inúmeros murais mexicanos relatam a história do povo do México, não apenas sua história, mas também, seus problemas políticos, econômicos e sua vida cotidiana, numa visão crítica sociocultural”. Assim como os murais mexicanos transformaram o espaço urbano em uma área de reflexão política, o mural com pigmentos naturais possui um potencial de atuação crítica em relação aos temas ambientais.

Figura 3 – Pintura Coletiva



(Fonte: acervo pessoal dos autores, 2025.)

A análise do mural produzido evidenciou a eficiência da metodologia como forma de reconexão com a natureza. Como pode ser visto na FIGURA 4, a maioria dos participantes decidiram espontaneamente, uma vez que não foi delimitado um tema explicitamente, representar elementos naturais em suas pinturas.

Figura 4 – Mural



(Fonte: acervo pessoal dos autores, 2025.)

Com isso, podemos definir que o produto gerado através da aplicação da oficina cumpriu o seu papel proposto de intervenção, implicando em um desmascaramento da “ideologia dominante” (Freire, 1996, p. 38), representada como parte de uma lógica da sociedade atual onde se construiu a ideia de que cultura e avanço se contrapõem à natureza e sua conservação. O mural natural, então, se mostrou eficiente como uma ferramenta de protesto com a capacidade de transmitir mensagens para a sociedade local, unindo representação imagética, conscientização pela prática artística e reflexão do uso de materiais naturais de maneira consciente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da oficina, a conversa com os participantes evidenciou que o uso dos pigmentos naturais na prática da pintura mural como forma de educação ambiental se faz eficiente. Muitos se mostraram engajados com o tema, e representaram em forma de desenho no mural coletivo. Os resultados apontaram para um despertar da curiosidade dos participantes acerca do tema, o que culminou na confecção de um manual intitulado





Muralismo com pigmentos naturais, que descreve o passo a passo para a prática permitindo sua replicabilidade.

Apesar da pesquisa apontar para resultados voltados para o que a PNEA chama de educação não-formal, levando em conta a natureza da oficina e como a Lei 9.795/1999 faz sua distinção, constatou-se após todo o processo, a possibilidade de aplicação da técnica também no contexto da educação formal, deixando claro a necessidade da realização de novas pesquisas acerca do assunto.

Por fim, conclui-se que a prática do muralismo com pigmentos naturais fortaleceu a articulação entre arte-educação e educação ambiental, promovendo uma formação crítica diante das urgências ambientais do mundo atual.

REFERÊNCIAS

AJZENBERG, Elza. Arte e política na América Latina. São Paulo: **Edusp**, 2024.

BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. **Dispõe sobre a educação ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental**. Diário Oficial da União, Brasília, 28 abr. 1999.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: **MEC**, 2017.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: **Paz e Terra**, 1996.

KRENAK, Ailton. Futuro ancestral. São Paulo: **Companhia das Letras**, 2022.

SÃO PAULO (Estado). Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental – CETESB; Federação das Indústrias do Estado de São Paulo – FIESP. Guia técnico ambiental: tintas e vernizes – série P+L. São Paulo: **CETESB/FIESP**, 2006.

